

**Entrevista à
Técnica Superior
da Biblioteca
Municipal de
Penamacor**

Dr.^a Ilda Lopes



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Covilhã | Portugal

UBI – Mestrado em Ciências Documentais
[2010]

Orientadores:

Professora Doutora: Maria da Graça Sardinha

Professor Doutor António Pais

Mestrando:

Pedro Rafael Neto Gomes

[Guião de Entrevista]

Apresentação e objectivos

A realização desta entrevista insere-se na recolha de dados no âmbito do Mestrado em **Ciências Documentais** da Universidade da Beira Interior sobre “**A Biblioteca Escolar: uma Rede de Aprendizagens. O Papel das Parcerias**”

Tem como objectivo conhecer a perspectiva da Técnica Superior da Biblioteca Municipal de Penamacor, Dr.^a Ilda Lopes face à utilização da Biblioteca Escolar/ Biblioteca Pública ou outra tipologia de bibliotecas numa óptica de partilha e uso comum dos mesmos espaços por públicos distintos. Uma abordagem aos conceitos *joint-use libraries* e *dual-use libraries*.

Os dados recolhidos destinam-se a fins puramente académicos.
(Autorização para recolha de gravação digital da entrevista e de divulgação da identidade)

Entrevista à técnica superior da Biblioteca Municipal de Penamacor, Dr.^a Ilda Lopes



1. Ilda Lopes ao longo destes anos nas suas funções como bibliotecária, quer como formadora e também como mediadora de leitura tem contactado com outros técnicos de bibliotecas públicas, autarcas, coordenadores de bibliotecas escolares, professores bibliotecários e directores de escolas e Agrupamentos. Na sua óptica, que factores é que contribuíram, foram decisivos, para ao fim destes 13 anos a Rede de Bibliotecas Escolares estar implementada em todos os Concelhos do nosso país?

Ilda Lopes - O factor decisivo para o sucesso e rápida implementação da RBE, a meu ver, foi o facto do Ministério da Educação ser a tutela máxima das escolas, do pessoal das bibliotecas escolares, ou seja, apesar de em alguns casos a aquisição de fundos e tratamento dos mesmos passar pelas bibliotecas públicas, logo, pelo Poder Local, foi um pormenor de menor importância. Outra mais valia, terá sido a experiência com a Rede Biblioteca pública – alguém disse “history will teach us nothing”, mas há sempre alguma coisa que fica. A experiência anterior com as bibliotecas publicas, a meu ver, teve importância, alguma informação foi partilhada, veiculada entre as biblioteca pública e biblioteca escolar, traçar um caminho já antes percorrido, mesmo que com nuances diferentes, sempre será mais fácil, não?

O aparelho por detrás das bibliotecas escolares é bastante organizado e com muita qualidade, e vamos ser honestos, com melhores fundos (económicos).

Além disso, o pessoal/funcionários e os utilizadores das bibliotecas escolares estão nas escolas, não podemos também esquecer, que contam com um grupo de utilizadores – os professores – que sabem ler, sabem usar bibliotecas, orientam os seus alunos nas pesquisas, sabem pedir aos seus alunos trabalhos cuja realização depende do recurso à BE; e ainda, todas as actividades, tudo pode decorrer sem grandes deslocações ou incómodos dentro da escola...

Outro aspecto importante é que as bibliotecas escolares são à dimensão exacta do número dos seus utilizadores, não há grande margem de erro, por oposição às Bibliotecas públicas, que são à dimensão do concelho (que por vezes nem sequer tem meio de transporte para a Biblioteca pública) ...

1.1. No que se refere às Bibliotecas Públicas embora o programa se tenha iniciado anteriormente, a abrangência de território é menor e ainda não estão instaladas em todos os Concelhos, o que lhe parece que ainda falta nesta dinâmica?



Ilda Lopes - As Bibliotecas públicas. Imagina, são Bibliotecas Públicas e chamamo-las de BM: “Bibliotecas Municipais”! – são da responsabilidade do Ministério da Cultura e da Administração Local, houve em alguns casos grandes resistências entre estes dois poderes. O pessoal teria de ser da Câmara Municipal/Município, não havia muita gente com formação específica. Ou seja, a colocação de pessoal especializado nas bibliotecas públicas foi, e continua a ser, muito difícil... Enquanto que nas bibliotecas escolares foram-se arranjando compromissos e evoluindo de forma muito positiva.

As Bibliotecas públicas sofrem um pouco devido ao poder político, pois é inevitável a tomada de posições...

O facto das Biblioteca pública serem à dimensão do concelho e não apenas baseada no possível número de utilizadores, deu lugar a que em muitos casos – não tendo os utilizadores garantidos como as bibliotecas escolares – haja um certo desencanto (e descalabro) entre o nº de habitantes e o número de utilizadores reais da Biblioteca pública.

Bom, eu podia aqui levantar muitas questões, a falta de fundos do Ministério da Cultura, alguma falta de “poder” do IPLB, hoje DGLB em relação às autarquias locais, o público real e potencial é muito mais difícil de cativar, com o das bibliotecas escolares e dos Magalhães, a Biblioteca pública ficou, em alguns casos, praticamente sem público...

Em termos de instrumentos de gestão, as biblioteca escolar estão muito bem orientadas, enquanto que as Bibliotecas públicas estão muito mais desamparadas pelo lado da DGLB, neste aspecto, e ao mesmo tempo, e talvez por consequência, umas terão, outras não, um pouco abandonadas à sua sorte, dentro de uma organização maior que por vezes não sabe bem o que esperar dela (Biblioteca pública) ...

2. Em alguns Concelhos do nosso País onde existem Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Escolares não existe o serviço de SABE (Serviço de Apoio a Bibliotecas Escolares), considera este serviço prioritário e fundamental para a existência de uma real parceria entre estas instituições?

Ilda Lopes - Acho fundamental para ambas as bibliotecas. Uma coordenação e cooperação parece-me fundamental, de uma forma abrangente servimos a mesma



comunidade, pois apesar de termos funções diferentes – por isso é coexistem - mas ambas caminham para o mesmo fim: formar leitores para a vida. (Leitores no sentido mais lato).

2.1. Encara outras formas de cooperação? Partilha?

Ida Lopes - Eu encaro outras formas de cooperação, mas confesso que não estamos habituados a colaborar.

2.2. Na sua visão esta parceria/ cooperação deve ir até onde? (empréstimos interbibliotecas; portais concelhios; catálogos colectivos, horas do conto, animação....)

Ida Lopes - Esta colaboração deve ir até onde for necessário, cada SABE define as necessidades a colmatar, consoante as realidades com que tem que lidar. Todos beneficiam com isso.

2.3. Onde podemos INCLUIR (envolver/ participar/ dinamizar) a restante comunidade local?

Ida Lopes - Repara, neste momento eu dava tudo para estar numa biblioteca escolar, chegar aos pais através dos filhos, chegar aos avós através dos netos, da família através dos alunos...”Apanhar” os professores... De uma forma geral todas as classes – trabalhadores, reformados, pais, encarregados de educação, etc., etc., todos têm ligação à escola... Onde está a comunidade? À roda da escola. Onde fica a escola? (Na maioria das vezes) isolada dessa comunidade como se fosse uma ilha à parte...

As bibliotecas escolares têm público...(Claro que é fácil dar ideias para os outros...) Mas proporia todo este trabalho em colaboração, não só com a Biblioteca pública, mas com associações, instituições...

Nas actividades organizadas, procurar uma participação activa dos intervenientes, fazer avaliação, incluir de forma activa, para se sentirem parte do que se está a criar/oferecer – tipo o teatro que se desenrola com a colaboração dos espetadores... vários tipos de actividades, sei lá, da formação, ateliês, etc. Assim de repente não me ocorrem outras...

3. Actualmente contamos com a Rede de Bibliotecas Públicas e a Rede de Bibliotecas Escolares e relativamente às Bibliotecas Universitárias? Também encara a necessidade da existência de uma Rede Nacional de Bibliotecas Universitárias?



Ilda Lopes - Não sei, essa questão tem que ser colocada aos responsáveis pelas BU, se sentem essa necessidade.

3.1. Se sim, vislumbra esta rede sob a alçada de que ministério? O do Ensino Superior? Passaremos a ter a RBIBLIOTECA PÚBLICA sob a alçada do Ministério da Cultura e das Autarquias, as Bibliotecas Escolares sob o do Ministério da Educação e uma possível rede de Bibliotecas Universitárias no Ministério do Ensino Superior?

Não sei.

3.2. Não haverá necessidade de alguma fusão no que diz respeito ao grande Projecto Nacional de Promoção da Leitura e das Literacias?

Ilda Lopes - Sim, há. E as Bibliotecas – bibliotecas escolares, biblioteca universitária e Biblioteca pública – podem e devem trabalhar em conjunto... Digamos que não é uma ideia inédita e que me parece já estar em gestação...

4. A figura do professor bibliotecário, as suas funções, necessidades e perfil, como encara a recente institucionalização desta figura? Visto que apenas no passado ano com a publicação da Portaria 756/2009 de 14 de Julho - Criação da função de professor bibliotecário esta figura passa a ter um papel crucial na dinâmica das Bibliotecas Escolares.

Ilda Lopes - Foi mais um passo dado pelo ME, que só veio valorizar e fortalecer as bibliotecas escolares! Parabéns.

5. O Plano Nacional de Leitura, encara-o como um Plano com múltiplas possibilidades entre elas o fomento desta parceria entre as Bibliotecas Públicas e Escolares?

Ilda Lopes - Pode ser um caminho...

6. E como define o papel do mediador de leitura?

Ilda Lopes - Mediador de leitura : todos os indivíduos de uma comunidade, todos os que contribuem para espalhar o gosto pela audição/leitura de histórias.

6.1. Este papel deve ser apenas desempenhado por um técnico especializado?

Ilda Lopes - Não é um papel privilégio de um técnico, é um papel de toda a comunidade, de todos os contadores de histórias sejam eles as avós, as mães, as tias, educadoras, professores...



6.2. E a família?

Ilda Lopes - A família devia ser a primeira mediadora da leitura, conta com o espaço privilegiado dos afectos, da sede de aprender, da total confiança e disponibilidade.

7. Os conceitos “Joint-use libraries” e “Dual use libraries” já largamente implementados em países como os EUA, o Canada e a Austrália e nos países da Europa do Norte. Sendo estes países ricos não fará muito mais sentido em países com menores recursos, como o nosso, a implementação deste conceito? De uma forma efectiva rentabilizando os espaços e recursos disponíveis numa determinada comunidade?

Ilda Lopes - Em comunidades pequenas, parece-me que fazia todo o sentido. Não sei muito sobre o assunto, mas assim por alto parece-me perfeito...

8. Existem algumas experiências pontuais no nosso país que a BE está aberta fora de horas ou durante o período de férias escolares para servir a comunidade. Como encara esta possibilidade tendo em conta os recursos humanos necessários para tal?

Ilda Lopes - Eu acho que as bibliotecas públicas deviam abrir ao domingo... e, claro, ao sábado! As bibliotecas escolares? Teria de ser uma acção concertada entre as bibliotecas. Parece-me que durante alguns anos as bibliotecas públicas serviram também de biblioteca escolar, neste momento temos que ter a consciência do papel de cada uma, função de cada uma, parece-me mal confundirmos uma e outra, correndo o risco de – eu não quero que isto soe mal, como interpretaram algumas pessoas em Évora no fim do ano passado – acho que devemos trabalhar em conjunto, de forma concertada e se isso implicar abrir fora de horas como é colocado na questão, so be it.

O esforço das bibliotecas públicas para abrirem tem sido enorme, e olha o meu caso, abri ao sábado durante quase 5 anos! Mas ... acabou.

8.1. Quais os maiores obstáculos se poderão colocar à implementação destes conceitos?

Ilda Lopes - Neste ponto estamos a falar da abertura fora de horas das bibliotecas escolares? Então eu repito o que foi dito acima... Onde há uma biblioteca pública, esse será o papel da Biblioteca pública. No entanto, onde se justifica, há abertura, experimenta-se. Divide to conquer, não me parece a melhor forma de conquistar público...



De qualquer forma, há muitas Bibliotecas públicas abertas ao público “fora de horas”? Porque será? Quem quer assegurar a abertura da biblioteca ao domingo? E mesmo ao sábado? E as horas extra quem as paga? E se se folga em vez de receber as horas extra ou porque se trabalhou ao domingo, quem assegura a abertura enquanto os outros folgam? É justo em termos de gestão de recursos humanos trocar um sábado por uma segunda? (Chamaram-me à atenção, pois foi isso que fiz...)

Se nos estamos a referir ao “joint library”, os obstáculos podem ser administrativos/políticos, mas mais uma vez, acho que são a solução mais viável.

9. Para uma efectiva concretização do “Joint-use libraries “ e “Dual use” embora o espaço possa ser comum, como observa a constituição de equipas de trabalho, organização e gestão?

Ilda Lopes - Com boa vontade, com papéis definidos, com objectivos definidos – as bibliotecas escolares são peritas nestas áreas, como já referi acima, bem organizadas em termos de gestão – aprendendo uns com os outros e partilhando saberes, parece-me exequível.

Como estamos numa profunda crise económica, financeira, ideológica, psicológica, social, parece-me que concertar esforços, rentabilizar recursos é algo bastante urgente, inteligente e inevitável. Os obstáculos contornam-se, ultrapassam-se, há que começar com um plano definido e caminhar em frente.

Uma boa reflexão, traçar um plano, definir papeis e competências...

Preocupa-me o “espaço comum”, eu explico. Acho, no meu caso, que tenho um excelente espaço de Biblioteca pública, preferia que a biblioteca escolar se deslocasse... Mas, acho que trazer a biblioteca escolar para aqui seria um caso bicudo, não por falta de espaço, mas em termos de deslocação/vinda dos públicos da biblioteca escolar ao espaço onde funciona neste momento a Biblioteca pública... Assunto que os horários alargados da joint-library resolveria, mas não sei se os professores viriam... Não vêm, nunca vieram (99,99%)...

9.1. E a gestão de espaços e recursos?



Ilda Lopes - Não percebo o problema, mas eu gosto de facilitar as coisas e as burocracias chateiam-me, pois ser bibliotecária é uma missão e gosto de deitar abaixo tudo o que pode ser uma barreira... No que depender da boa vontade, resolve-se. Havendo um objectivo comum só temos que descobrir o caminho para o alcançar juntas. Só as burocracias do Ministério da Educação e da Administração Local poderão levantar problemas mais difíceis de contornar.

10. Algumas autarquias do nosso país, nomeadamente Óbidos e Oeiras, estão a intervir na construção de espaços escolares distintos (JI e 1ºECB) com a envolvimento de zonas ajardinadas, pavilhões desportivos, auditórios e especialmente Bibliotecas. Estas valências são para utilização de toda a população local. Este conceito só será possível com a implementação deste tipo de escolas comunitárias?

Ilda Lopes - E onde, pelo contrário, todos estes espaços estão muito distantes uns dos outros? Tu conheces Penamacor. A EB2,3 está num canto, no canto oposto a biblioteca pública. Num outro ponto distante está o Centro Escolar... O jardim permeia, mas também afastado... Agora posso ser marota e dizer-te que na minha Biblioteca pública, temos jardim, ... como trago para aqui os utilizadores das EB1 e EB2,3??? Não sei. Só analisando e vendo as possibilidades, claro.

10.1. Que impacto social pode ter na comunidade um Biblioteca de uso comum ou que seja partilhada por públicos distintos?

Ilda Lopes - Gostava de experimentar para depois te contar (Cá entre nós, confesso que tenho medo de apanhar outra decepção, mas adoraria experimentar!)

11. Alguns autores como Sharon Honig-Bear, Willian Miller e Rita Pellen, entre outros, referem que o maior problema para a implementação do “Joint-use” e “Dual-use” está relacionado com o sentimento de posse dos intervenientes, da gestão de orçamentos e dos recursos humanos. Que comentário faz?

Ilda Lopes - O sentimento de posse é um sentimento terrível e que é característica inata do ser humano em qualquer relação do mesmo com o mundo que o rodeia. A proximidade, o conhecimento do outro, refiro-me ao pessoal das bibliotecas, ajuda a esbater este sentimento.



Mas mesmo assim, parece-me, que os maiores obstáculos serão os poderes instituídos, Ministério da Educação - Agrupamento e Autarquia Local.

12. Os mesmos autores referem que para uma eficaz parceria/ partilha entre as instituições deve ser implementada uma atitude dos 5 C “Collaborate, Communicate, Cooperate, Change and Challenge.” Ou seja Colaborar, Comunicar, Cooperar, Estar preparado para a Mudança e apostar em novos Desafios. Na sua perspectiva acrescentaria mais algum passo/ atitude?

Ilda Lopes - Não me ocorrem outras atitudes... parecem-me as fundamentais as mencionadas.

13. O Professor Bibliotecário, como um estratega, é uma peça fundamental para esta mudança?

Ilda Lopes - Sem dúvida; o professor bibliotecário e o bibliotecário ☺(risos), não achas? (Vê lá se começas já a querer trabalhar sem nós!!)

14. Por último gostaria de acrescentar mais algum aspecto significativo que considere pertinente para esta abordagem?

Ilda Lopes - Não estava a par deste conceito de Joint-libraries. Parecem-me uma boa ideia, mas preciso de ler mais sobre o assunto, como já disse atrás, tenho a opinião que a proximidade da biblioteca escolar à escola (proximidade física) é fundamental na época comodista em que vivemos... Tendo eu o espaço maior, pensaria que se fosse necessário deslocar uma de nós, biblioteca pública ou biblioteca escolar, seria a biblioteca escolar a vir para cá; mas é claro que se fosse ao contrário – as biblioteca pública são construídas de raiz em locais centrais e quando são adaptações de edifícios, são escolhidos edifícios com personalidade e imponentes na comunidade... vários conceitos terão de ser destruídos ou contornados... Algo em que pensar, sem dúvida.

É minha opinião que dado o reduzido número de pais/avós trazem os filhos à Biblioteca pública antes (e mesmo depois) da idade escolar, a importância da biblioteca escolar é fundamental neste cenário, com privilegiado acesso e conseqüente formação de utilizadores para pais, professores e alunos, e toda a comunidade escolar. Enquanto não



tivemos biblioteca escolar tentámos a partir das Biblioteca pública fazer isso, mas sem necessidade de se deslocarem à Biblioteca pública para deixarem os filhos ou para irem a reuniões, cativar os pais/família não foi fácil... deduzo que embora não seja de todo tarefa fácil, a biblioteca escolar tem mais acesso a tudo isto pela proximidade física da escola e a obrigatoriedade dos pais lá se deslocarem, nem que seja para depositar os filhos.

O SABE, a joint-library ou o que for deve ser um esforço conjunto bibliotecas escolares, Biblioteca pública e biblioteca universitária para servir e chegar à comunidade da melhor forma possível.

Muito obrigada pela sua colaboração!

Pedro Rafael neto Gomes